

Refugos

Leandro Henrique Ortolan

*As crônicas aqui reunidas foram
escritas entre 2013 e 2020*

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2021

O instante e depois

Qualquer texto é um depoimento sobre seu tempo. Pode ser uma lista de compras, uma nota fiscal, uma mensagem no WhatsApp, qualquer um poderá ser lido (mas como vamos ler os textos virtuais daqui a uma geração?) como testemunho daquela época.

Olha o que se comprava! Olha quanto custava! Olha o medo que eles tinham!

Mas a crônica tem algo mais. Justamente aquele não-sei-quê que, como no poema do Gregório de Matos, assistia a Inês (é isso mesmo, assistia a Inês, quer dizer, estava nela, vivia nela). Esse não-sei-quê que é o tempero da crônica, justamente ele é que faz a crônica se destacar como testemunho de um tempo, uma sensibilidade.

Pode ser um filme, uma partida de futebol, a cara de uma celebridade na foto, uma passagem desagradável vivida ou sonhada, um rosto distinguido no meio da multidão. Qualquer coisa serve para o comentário do cronista, que é menos que uma tese e mais que um desabafo, que pode ser memória e pode ser desejo.

Eis aí, então, um cronista. Como uns bebem em público, e outros expõem teses para a plateia, o cronista, para dizer de alguma maneira, sente diante dos outros. Como faz o Leandro.

Luís Augusto Fischer

Maio de 2021

Epitáfio

— Se o tratamento não der certo, tive uma vida maravilhosa!

Foi dessa forma que o ex-jogador de basquete Oscar, 55 anos, se manifestou recentemente sobre a retirada de um tumor maligno no cérebro. A primeira havia sido feita em 2011, mas como agora — dois anos depois —, o grau de malignidade aumentou, o “mão santa” deverá passar por sessões de rádio e quimioterapia.

Ainda que não se possa saber ao certo o sentido de “vida maravilhosa”, essa inusitada declaração bem que poderia estar inaugurando uma nova modalidade de epitáfio, a ser adotada por todos nós, na eminência da morte.

Ela passaria a ser aquilo de mais sincero na vida de uma pessoa. Todos teriam que, em circunstâncias específicas, escrever seu próprio epitáfio e não consentir que outros o fizessem. E para isso deveria ser criada uma lei obrigatória, uma “Emenda dos Epitáfios”. Um adendo na própria certidão de nascimento, no verso. Todos já estariam comprometidos com seus futuros textos que teriam, mais cedo ou mais tarde, que redigir. Após uma idade já avançada, ou então diante de alguma doença incurável, o indivíduo teria a obri-

gação de contar, em poucas linhas, o sentido que ele deu a sua própria existência. Em casos de certa urgência, poderia ser solicitada pela família uma junta médica que justificasse a antecipação do texto.

— Seguinte... Temos de apressar o epitáfio do vovô. Ele não passa desse mês. Às vezes parece que está delirando... Não fala coisa com coisa... Vamos lá então, papel e caneta na mão.

No começo, por causa de um último fiapo de vaidade, talvez a maioria dos epitáfios soassem falsos e, nesse caso, o morto estaria sendo mentiroso para toda a eternidade. Mas isso não passaria despercebido para familiares e amigos — e também inimigos — do finado, que logo concluiriam não se tratar da mesma pessoa, o que geraria constrangimentos a todos eles por tamanho blefe aplicado pelo morto. Com o passar do tempo, esses defuntos mentirosos iriam servir de exemplo negativo para os futuros autores de epitáfios. E então, salvo as exceções, que seriam impossíveis de se evitar, as inscrições tumulares passariam a ser o vestígio mais verdadeiro da vida de alguém. Não existiriam mais cinzas anônimas nos cemitérios. Todos poderiam deixar alguma mensagem para os que se detiverem diante de suas lápides.

Além da frieza numérica das datas de nascimento e de morte, seriam acrescentadas frases sinceras e lições de vida.

“Fui um nada. Tudo acumulei. Para ninguém, durante minha existência insignificante, eu consegui ser útil ou deixar uma marca importante.”

“Não fui um bom advogado. Sempre arrogante e prepotente. Defendi gente que não presta e coloquei inocentes na cadeia. Agora me coloco na condição de réu diante de vocês. Mas sei que um julgamento muito mais rígido está a minha espera”.

“Aqui jaz um pedreiro honesto. Construí casas honestas, de material honesto, como se fossem minha casa, a abrigar meus filhos do frio e da chuva. Tão seguras quanto essa morada que construíram para mim.”

“Neste lugar, não descanso. Fui um mau político, comprei muitos de meus eleitores — talvez você seja um deles. Desviei dinheiro público que seria destinado para uma creche. Às custas de verbas ilícitas, elegi meu filho deputado. Por favor, fiquem de olho nele!”

“Fui um péssimo irmão, devido a questões de herança. Por causa de 10 metros de fundo de um terreno, fiquei 5 anos sem falar com meus familiares. Para cada 2 metros, um ano sem contato com eles —, o que só veio a ocorrer nos últimos dias de minha vida. E aqui estou, agora me sobrando terra.”

— “Nada fui. Nada fiz. Nada resta.”

Depois do finado já ter feito em vida a revisão de sua existência, e para que tudo soasse realmente o mais “correto” possível, seria necessário um outro tipo de revisão. Faltaria uma verificação no texto em si, para que enganos gramaticais não ficassem impressos eternamente na lápide. E para os professores de Língua Portuguesa, que é o meu caso, seria uma oportunidade de incrementarmos no Currículo: “Revisor de Epitáfios”.



Hóspede

Quando viajo a Porto Alegre, sempre que passo pelo Centro, vou até a Casa de Cultura Mario Quintana. Nunca me canso de admirar a imponente arquitetura do prédio, construído no início do século passado.

Essa construção sempre me fascinou. Não somente por sua beleza, mas também pelo fato de lá ter residido durante vários anos — na época do grandioso *Hotel Majestic* — seu hóspede mais notável: o poeta Mario Quintana.

Nessa última vez — por coincidência, na semana em que o nascimento do poeta completou 107 anos — enquanto tomava um café lá no térreo, fiquei prestando atenção nas pequenas sacadas do prédio. Nelas, muito provavelmente, Quintana fumava durante a madrugada, procurando poesia no silêncio da cidade deserta e na fumaça do cigarro...

E procurei imaginar como seria morar durante vários anos em quartos de hotel.

A bem da verdade, boa parte de seus quase 90 anos, Quintana viveu dessa forma. Seja no *Majestic*, no Hotel Presidente ou no Hotel Royal, de propriedade do jogador Falcão, que lhe fez a oferta de graça, tamanha admiração que tinha pelo artista.

EDITOR A
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

A U T O R
leortolan07@gmail.com
Facebook: Leandro Henrique Ortolan

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em junho de 2021.
